

Resenha: “Os Limites do possível: a economia além da conjuntura”

Informações editoriais:

Autor: André Lara Resende.

Editora: Portfolio-Penguin

Cidade: São Paulo

Ano: 2013.

ISBN 978-85-63560-64-3

Alexandre Cesar Cunha Leite

Docente no Departamento de Relações Internacionais na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

E-mail: alexccleite@gmail.com

Ana Cristina Cordeiro Fonseca

Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba

E-mail: accfnsc@gmail.com

“*Os Limites do Possível*”, datado de 2013, apresenta uma reunião de diversos artigos escritos pelo autor. Possui dezoito capítulos, sendo dividido em três partes. Na primeira, Resende leva o leitor a refletir a respeito do crescimento econômico mundial, questionando se tal crescimento está diretamente condicionado a melhores condições de vida por parte da sociedade civil. Interessante notar que Lara Resende teve sua carreira acadêmica dedicada ao estudo da questão inflacionária. Segundo o mesmo, em depoimento na introdução do livro, ter a inflação como o “objetivo principal da teoria e política econômica” deixou de fazer sentido. Seus artigos aqui reunidos refletem outra preocupação, mais antiga da teoria econômica, mas deixada de lado devido às contingências econômicas, a saber: o crescimento econômico (RESENDE, 2013: 17). Ainda nessa parte, o autor nos leva a indagar se o crescimento econômico, almejado por todos os gestores públicos estatais, não estaria chegando ao seu limite. Tal questionamento deriva, segundo Resende, da hipótese de uma possível diminuição do nível de consumo, por parte da população, e se essa redução seria viável, sem que trouxesse prejuízo para a economia mundial. A segunda parte do livro trata especificamente de temas relacionados à crise financeira global de 2008. Resende adentra nos reais motivos, segundo sua perspectiva, que desencadearam o colapso

financeiro internacional do século XXI. Enfatiza que a crise em que vivem as economias nacionais hoje, pode ser considerada mais desastrosa do que a Grande Depressão, que abalou o mundo a partir de 1929. A terceira parte do livro é dedicada, quase que exclusivamente, a temas relacionados ao Brasil e seus problemas conjunturais e de gestão dos desequilíbrios estruturais. No desenrolar dos capítulos, Resende aborda pontos centrais a respeito da inflação e das taxas de juros brasileiras. Procura entender quais são os reais motivos que amarram à economia brasileira com altas taxas de juros e com uma inflação continuamente acima da meta planejada. Feita esse breve *overview* da obra, passa-se agora a um olhar mais próximo de cada parte constituinte do livro.

Nos primeiros capítulos do livro, Resende sustenta que o objetivo central das políticas econômicas adotadas em todas as nações é, sem questionamentos, alcançar o crescimento pleno. Uma vez que esse crescimento seja alcançado, os níveis de qualidade de vida da população iriam, de forma natural, atingir patamares mais altos. Com isso, o autor induz o leitor a pensar que o aumento do crescimento levaria, automaticamente, ao aumento do bem-estar da sociedade. Entretanto, seguindo sua lógica, tal pensamento não se comprova. Resende ressalta que o crescimento econômico não pode ser mais tratado como um fator que irá desencadear, instantaneamente, uma melhora na qualidade de vida da população. Tal argumento é justificado pelo raciocínio de que o ritmo de crescimento/consumo que o mundo apresenta atualmente, não mais será possível ou viável no longo prazo, tendo em vista as barreiras impostas pelo meio ambiente. Seu argumento sustenta a necessidade de implementar meios sustentáveis para alcançar melhores níveis de bem-estar e qualidade de vida, faz-se essencial nos dias de hoje.

Resende questiona se, na atual conjuntura, seria provável atingir uma melhor qualidade de vida, sem o fator crescimento. Mais do que isso, indaga, ainda, se seria viável alcançar essa melhoria de vida sem que os níveis de consumo fossem aumentados. Há aqui uma reflexão proposta interessante que sugere desvincular bem-estar do consumo. Contudo, a condução do argumento do autor carece de melhor detalhamento quando este afirma que à medida que as condições de renda de um cidadão atingem certo ponto, não necessariamente observa-se uma alavancada no bem-estar dessa pessoa. Sua construção passa pela suposição de que crescimento - nesse caso, relacionado a melhores níveis de renda – não está diretamente associado com melhor

qualidade de vida. É nesse ponto que vem o questionamento: não seria lógico supor que em sociedades que ainda apresentam parcela da população com níveis de renda muito baixo, elevar a renda desses não significaria aumentar a sua qualidade de vida? Todavia, segundo o autor, quando aquela sociedade atinge condições mínimas, ou seja, quando elas possuem o necessário para se manter, o aumento da renda passa a não mais implicar na melhora da qualidade de vida, como faria inicialmente. Assim, nas palavras de Resende, tem-se que “[m]ais renda nem sempre significa mais bem-estar.” (RESENDE, 2013: 25).

Um ponto de concordância com o autor está na afirmação de que no momento em que se atinge certo nível de renda, a qualidade de vida só pode ser melhorada se ocorrer uma diminuição das desigualdades sociais (outro problema de ordem global e foco de inúmeras tentativas de ações públicas). Porém a lógica usada pelo autor não é econômica, mas sim antropológica, vejamos. O autor explana que, com uma maior desigualdade, as pessoas que possuem melhores condições de renda vão viver sempre aprisionadas em sistemas de segurança altamente tecnológicos, com medo da criminalidade presente na sociedade. O aumento das desigualdades sociais atua inversamente no fator qualidade de vida. “A melhor distribuição de renda é o fator determinante da melhora da qualidade de vida, do bem-estar, da felicidade de um país” (RESENDE, 2013: 28).

Ainda seguindo a ordem da construção do argumento do autor, Resende afirma que o mundo está cada vez mais interligado, fazendo com que os temas discutidos dentro dos Estados passem a ser parte de uma agenda global. Nesse sentido, Resende chama a atenção para dois tópicos de caráter supranacional, a saber: a redução das desigualdades sociais em conjunto com a erradicação da pobreza e, o aumento da qualidade de vida, tendo em vista os limites impostos pelas questões ambientais. Ambos os temas possuem um escopo tão amplo que não podem ser tratados apenas dentro dos limites dos Estados. Com o advento da globalização, constata-se que a esfera nacional passou a ser reduzida cada vez mais, os temas nacionais tornam-se globais. Aqui reside outro ponto de discordância. Segundo Resende, a política nacional passou a atuar simplesmente de forma administrativa. Resende explica que essa ‘perda da capacidade’ da política nacional ocorreu quando as questões que deveriam ser tratadas dentro do Estado, passaram a ser incorporados de forma supranacional. Resende demonstra que a política nacional

tornou-se insuficiente para lidar com fatores cotidianos da sociedade, como também perdeu o seu prestígio em lidar com temas hoje considerados globais. O que se tem observado atualmente é, como bem ressaltou Resende, um aumento da interdependência. Contudo, não se pode afirmar que tal interdependência tenha reduzido a autonomia e soberania da nação em suas tomadas de decisão. Há sim uma linha tênue entre as questões de interesse globais e locais/nacionais, mas há uma distinção entre aquilo que é de responsabilidade decisória do nacional e aquilo que deve ser compartilhado no internacional, além dos temas de agenda que constituem o que alguns estudos denominam de “glocal”.

Resende trás para o debate o pensamento do professor da Universidade de *Harvard* Dani Rodrik. Segundo Rodrik, no seu livro *The Globalization Paradox*, para que a globalização seja alcançada, dever-se-ia abrir mão tanto dos Estados nacionais quanto da democracia. Na perspectiva de Rodrik, os benefícios da globalização foram superestimados. Rodrik defende que se deve preservar esferas específicas aos Estados nacionais democráticos. Dialogando com Rodrik, Resende afirma que seria impossível estacionar os fatores que conduzem a globalização, e que, apesar de uma maior integração mundial, os Estados nacionais e o conceito de democracia não se tornaram desnecessários. Como solução, é sugerido por Resende que uma governança global seja criada e que os Estados nacionais sejam reformulados, adequando-se às mudanças do sistema internacional. É interessante salientar que, apesar de defender a criação de uma governança global, Resende tem consciência de que tal ambição não será facilmente alcançada.

Em seguida, partindo dessa integração mundial, temas a respeito do capitalismo global são abordados. O ponto principal nesse contexto é que, apesar das críticas que o modelo capitalista recebeu ao longo da sua implementação, principalmente por parte das perspectivas marxistas, ele soube se reinventar, independente das crises que enfrentou. John Maynard Keynes foi um dos idealizadores responsáveis por reformular o capitalismo no período posterior à crise de 1929. A síntese política macroeconômica¹, como explana Resende, baseava-se em quatro fatores principais, a saber: o controle da dívida pública, uma política fiscal anticíclica, uma política monetária pautada por metas inflacionárias e uma taxa de câmbio flutuante. Parecia-se ter

¹ Derivada de uma leitura equivocada de Keynes e que se sustentava em “conciliar” argumentos apresentados por Keynes à proposta derivada da chamada Síntese Neoclássica desvirtuaram os argumentos essenciais de Keynes sobre a condução e política macroeconômica.

alcançado uma nova era de estabilidade para o modelo capitalista. O interessante nesse sentido é que Resende leva o leitor a constatar que até 2008 a economia capitalista se manteve de maneira satisfatória, desprestigiando definitivamente as ideias marxistas e de outras correntes que mostravam o caráter instável do sistema. O cenário mundial no pós-2008 serviu para comprovar a instabilidade e a deficiência da “reação capitalista”, principalmente em sua veia financeira. A supervalorização dos ativos financeiros, sobretudo do setor imobiliário, foi o grande responsável pelo estouro da bolha que havia sido formada, fazendo com que as economias caminhassem de encontro com uma nova crise financeira, no ano de 2008. A crise do século XXI pode ser enquadrada em quatro fases singulares, como demonstra Resende. A primeira está diretamente relacionada com o estouro da bolha; a segunda engloba a quebra do sistema financeiro; a terceira fase é iniciada quando os Estados acolhem as dívidas do setor privado e, por fim, a quarta fase está relacionada ao endividamento exorbitante por parte dos Estados. O autor, nesse raciocínio, busca apontar como as economias mundiais reagiram em cada uma das fases, passando por casos envolvendo desde os Estados Unidos até os países da União Europeia. Novamente um ponto de discordância: em momento algum foi tratado como gatilho para a crise a contínua redução das amarras regulatórias que mantinham o sistema financeiro internacional sob controle, mesmo que mínimo.

Um ponto interessante nessa parte do livro é que Resende chama a atenção para a reação dos Estados Unidos perante a crise. É mostrado que apesar da dívida pública norte-americana ter tido uma alavancada considerável, a preocupação do governo ainda gira em torno do receio da desvalorização da sua moeda, tendo em vista a demasiada emissão que estava sendo feita por parte do Federal Reserve (FED). Com a desvalorização da moeda, a comunidade internacional mostrar-se-ia não mais confiante no dólar. Situação essa complexa de ser observada visto a manutenção da posição do dólar como meio de pagamento internacional. Questionado sim, porém o dólar ainda não havia se deparado com uma posição de enfrentamento.

Voltando para o tópico sobre perspectivas de solução para a crise, Resende lança mão do pensamento de Paul Guilding, professor da Universidade de Cambridge, Inglaterra. É proposta uma análise da tese defendida por Guilding em seu livro, intitulado de *The Great Disruption*. Segundo Guilding, os limites físicos do planeta já foram alcançados. Essa compreensão faz com

que os argumentos introdutórios da obra de Resende sejam retomados, uma vez que Guilding defende que, de fato, o crescimento almejado pelos mercados econômicos deverá ser revisado. Resende dramatiza, inclusive, ao afirmar que, nas condições em que o mundo está hoje, “[...] não há como viabilizar sete bilhões de pessoas, com o padrão de consumo e as aspirações do mundo contemporâneo, nos limites físicos da Terra” (RESENDE, 2013: 195). A constatação de que o crescimento não mais será possível em períodos futuros, faz com que o leitor questione, então, que políticas econômicas deverão ser adotadas por parte dos governos nacionais e, de forma cooperativa, no âmbito internacional. Resende evidencia que é necessário que uma nova saída seja encontrada. Não aponta, entretanto, o caminho que deve ser tomado, deixando que as dúvidas do leitor sejam respondidas com o evoluir do processo, ou seja, da crise.

Nos capítulos finais da obra, o autor faz questão de adentrar na perspectiva brasileira da crise. O Brasil apresentava-se como um país pouco afetado pelos efeitos da crise. Como Resende bem ressalta, essa realidade levou o Brasil a acreditar que as saídas econômicas adotadas perante a crise, tinham logrado sucessos, deixando o cenário nacional um tanto quanto otimista. Porém, a política adotada visava manter o padrão de consumo e realizar as expectativas dos investimentos feitos em períodos anteriores, o que não poderia ser sustentado no médio e longo prazo. Tanto que o próprio Resende questiona-se a respeito das altas taxas de juros e dos altos níveis de inflação (fora da meta estabelecida) e segue perguntando se seria possível o Brasil crescer sem impulsionar os níveis inflacionários para fora da meta planejada? Resende arrisca-se a encontrar respostas para essas indagações através da análise do comportamento brasileiro nos anos posteriores a crise. O fato é que, o Brasil se comportou da mesma maneira que as economias desenvolvidas, aumentando, efetivamente, os gastos públicos. Resende afirma que o país não soube aproveitar as ‘oportunidades’ que a crise gerou, podendo ter diminuído as suas taxas de juros e ter provocado a desvalorização cambial. Se o Brasil não tivesse seguido o caminho em direção a uma expansão dos gastos, como foi feito no período pós-crise, o país teria, conforme Resende, alcançado o tão almejado equilíbrio, com a combinação de juros mais baixos e de um câmbio não tão valorizado. “Teríamos aproveitado a crise para escapar da armadilha brasileira, do binômio juro alto, câmbio sobrevalorizado” (RESENDE, 2013: 272). Certo é que Resende merece ser considerado nas construções das análises econômicas, mesmo que haja discordâncias nos pressupostos e aos seus argumentos.

Ao fim, apesar das várias abordagens para explicar o cenário brasileiro, o autor afirma que é necessário encontrar uma resposta fixa, capaz de responder as indagações da economia brasileira, fazendo com que, quando os ventos do cenário internacional soprem a favor do Brasil, essa oportunidade não seja, mais uma vez, desperdiçada. O crucial, nesse processo, é encontrar qual abordagem terá propriedade o suficiente para conduzir o Brasil em períodos como esse, do pós-crise de 2008.

Em suma, André Lara Resende, em *Os Limites do Possível*, leva o leitor a analisar, de forma crítica e consciente, qual é a real situação do conturbado século XXI. Através de exposições envolvendo os mais diversos temas, a leitura torna-se envolvente e enriquecedora. A obra pode ser considerada um bom instrumento para aqueles que queiram entender como a economia se projeta no ambiente atual. Citando referências e obras de outros autores, Resende promove um debate interessante sobre os assuntos tratados no livro, oscilando entre pontos de vista convergentes e divergentes a respeito dos argumentos apresentados. Expondo questões sobre a crise mundial de 2008, Resende tem a sensibilidade de dedicar uma parte exclusiva da sua obra para tratar do Brasil, fazendo com que o leitor conheça sua visão a respeito da realidade do país. Por fim, *Os Limites do Possível* é um livro que, apesar de abordar temas complexos, por conter uma linguagem acessível e leve, faz com que o leitor desfrute de uma leitura agradável.